

# O PASTOR DO SÉCULO

# 21



*Uma reflexão bíblica sobre  
os desafios do ministério pastoral  
no próximo milênio*

**David Fisher**



# QUEM SOU EU?

## A QUESTÃO DA IDENTIDADE PASTORAL

Como um raio, a verdade atingiu-me em cheio no último semestre do seminário: dentro de alguns meses eu seria um pastor evangélico. Assustado, comecei a estudar e orar de forma diferente. E, lá no fundo do coração, uma pergunta instigava-me constantemente: *o que eu fãria todos os dias?* No princípio, a questão era muito prática. Logo se tornou mais básica e muito real.

### **SEJA BEM-VINDO, REVERENDO!**

Em um dia de muito sol, no mês de julho, eu dirigia uma caminhonete com todos os pertences de minha família, através das montanhas, em direção a uma cidadezinha no Noroeste da Costa do Pacífico. Uma vez que me encontrava sozinho — minha esposa e meus filhos viriam depois — tive muito tempo para pensar e mais oportunidades para me preocupar. Quanto mais me aproximava da cida-

de mais ansioso ficava. Algo indefinido e estranho me aguardava naquela localidade. Diminuí a marcha do carro para retardar o inevitável.

Porém, também estava emocionado. O seminário fora duro. Eu trabalhara em tempo integral para sustentar a família, mantendo ao mesmo tempo um rigoroso programa de estudo. Queria aprender tudo o que fosse necessário para sair, no poder do Espírito, e conquistar os principados e as potestades, em nome do Senhor. Um pequeno grupo de seminaristas reunia-se semanalmente para orar no último semestre. Como orávamos para que o fruto e o poder do Espírito Santo nos enchesse! Nós ansiávamos por fazer alguma coisa significativa para Cristo e sua Igreja.

Mas era assustador pensar que logo estaríamos nos púlpitos, para pregar em nome de Deus, e assentados em escritórios, a fim de aconselhar as pessoas pelas quais Cristo morrerá. Eu estava profundamente consciente de que tinha 26 anos de idade e não possuía nenhuma experiência no trabalho que logo faria parte de minha vida. Tinha uma consciência crescente de que não estava preparado.

Entretanto, lá estava eu dirigindo montanha abaixo em direção ao meu campo missionário. Não podia parar a caminhonete nem o inevitável. Cedo demais, pareceu-me, entrei nos limites da cidade e dirigi-me à casa pastoral, que ficava ao lado de uma igreja branca, de madeira, com um século de existência. Eu me encontrava diante do cenário de uma pintura de Norman Rockwell.

### **O QUE ELES ESPERAVAM?**

Lá, na paisagem entre as montanhas, eu era um seminarista recém-formado, um jovem com um compromisso.

Agora, em um simples e misterioso momento, tomará-me um pastor evangélico. Três meses atrás, quando viera para ser entrevistado e preguei para a igreja, era um estudante. Em um ato de espantosa confiança, os membros elegeram-me o seu pastor. Eu era então "pastor em treinamento", não o pastor real. Agora eu era alguém muito específico, um pastor - *o pastor deles*. A escola terminara; a realidade estava ali.

Quando atravessei os limites da cidade, entrei em um mundo de imagens e expectativas, nenhuma das quais escolhi e poucas das quais entendi imediatamente. Esperavam que eu desempenhasse um papel estabelecido pelos meus predecessores, os quais eu não conhecia. Mas eu sabia que eles haviam sido muito importantes para a comunidade. Falavam deles e os citavam. Alguns tinham uma reputação quase mítica. No entanto, queriam esquecer um deles. Eu vivia à sombra de meus antecessores e todos esperavam que vivesse à altura do melhor e fugisse dos caminhos daquele que ninguém queria lembrar.

Ouvi muito e prestei atenção para compreender e aplicar o significado de tudo. Algumas coisas eram muito boas. Meu predecessor imediato morrerá um mês antes de eu chegar. Ele fora para ali a fim de concluir o seu ministério e jubilar-se. É triste dizer que ficou muito doente e seus últimos anos foram difíceis para ele e a igreja. Mas a congregação o amava e aprendeu a cuidar de um pastor que estava para morrer. Um dia, ao ouvir alguém falar a respeito disso, tive o pensamento de que, se eles o amaram tanto, provavelmente me amariam também. E amaram.

Algumas das expectativas não eram tão boas assim. Uma senhora me disse: "Espero que o senhor nunca tire um dia de folga. Afinal, o reverendo Ketcham nunca tirou!".

Os habitantes da cidade também tinham expectativas. Os cidadãos locais definiam-me segundo uma tradição comum de um século de existência. Eles esperavam certo tipo de comportamento de seus ministros. Essas expectativas raramente eram verbalizadas e, quando o eram, geralmente eu ficava surpreso. Uma vez, um membro de outra igreja me disse que o meu predecessor era um grande pastor, porque passava muito tempo com as pessoas de outras denominações. Tenho certeza de que criticava o pastor dele. De qualquer forma, ele me recomendava que eu deveria passar menos tempo com o meu povo e mais com ele! Outro veio um dia me pedir para orar em um culto memorial da Legião Americana, no cemitério. Eu não o conhecia. Na opinião dele, os pastores deveriam orar pelos soldados mortos uma vez por ano.

Mas eu também tinha expectativas para com a minha igreja e comunidade. Meus antecedentes e treinamentos criaram todo um conjunto de fatores. Eu esperava que os evangélicos agissem como cristãos, os líderes liderassem e a congregação amasse a Deus e sua Palavra. Acima de tudo, deviam cuidar bem de mim! Afinal, eu lhes dava a minha vida. Uma vez que trabalhava para Deus e muitos deles achavam que esta era a vocação mais elevada do mundo, esperava que me respeitassem. Também achava que a cidade me devia o respeito que os ministros dedicados merecem.

Também tinha algumas expectativas vagas a meu respeito. Sabia que era professor e pregador da Bíblia. Em meu modo de pensar, isso era e é prioritário. Entendia que o ministério pastoral era mais do que sermões dominicais. Percebi durante o meu último ano no seminário que gasta-

ria o restante dos meus dias na direção de igrejas. Na verdade, teria muito tempo para dirigir cultos públicos e pregar. Mas a adoração não fora ensinada em qualquer disciplina do seminário que eu frequentara. Por isso, rapidamente, matriculei-me em um curso particular, ministrado por um dinâmico pastor. Foi uma das melhores escolhas que fiz como seminarista.

Era necessário atuar como líder. Era uma parte implícita, mas muito real, de minha formação. Cresci ao lado de autênticos líderes, mas nada sabia a respeito de liderança, exceto a que presenciara. Tinha alguns poucos instintos ainda não manifestados. Meus professores no seminário nada falaram a respeito de liderança nas igrejas. Realmente não sabiam nada sobre isso, pois eram acadêmicos e a maioria deles não tinha experiência pastoral nem de liderança. Eles imaginavam que todo excelente pregador e professor era um líder. Mas rapidamente descobri que passaria o restante de minha vida na liderança do povo de Deus. Um experiente pastor me disse: "Tudo começa e acaba na liderança". Logo descobri que ele tinha razão.

Mais do que tudo, queria e esperava ser um sucesso, pela graça de Deus. Meu pai e seus amigos havia realizado alguma coisa importante para Cristo. Eles não pastoreavam igrejas grandes e conhecidas, mas sabiam o que o Senhor esperava deles. Viveram na firme confiança de que o Evangelho é o poder de Deus e de que o ministério pastoral fundamentado no Evangelho transforma vidas. Tanto naquele tempo como agora, o Senhor deseja que seus servos realizem grandes coisas para Ele. Eu desejava desesperadamente que Deus abençoasse o meu ministério com vidas transformadas e igrejas cheias de poder.

Tudo isso parecia um fardo esmagador, enquanto eu entrava na cidade e estacionava a caminhonete em frente à casa pastoral. Desliguei o motor e aguardei os acontecimentos. Estava ansioso e excitado. Minha nova vida estava começando.

### **POR ONDE COMEÇAR?**

Descarreguei a caminhonete com a ajuda de um oficial da igreja e de uma adolescente que apareceu e perguntou se podia colaborar. Retiramos as últimas caixas do carro e as levamos para o escritório que ficava ao lado da igreja. Elas continham meus preciosos e poucos livros. Fiquei ali, em meu novo escritório, entusiasmado com a vista da minha nova mesa e das estantes. Mas o entusiasmo foi logo vencido pela ansiedade. No dia seguinte, começaria a minha vida pastoral. *O que faria?* Não tinha ideia, mas não conseguia esperar para começar.

Na manhã seguinte, logo cedo, fui ao escritório. Sentei-me e tentei imaginar o que fazer em primeiro lugar. Acho que faltei à aula no dia em que ensinaram "como começar" na igreja. Por isso, na falta de uma ideia melhor, coloquei meus livros nas estantes, assentei-me e olhei atentamente para eles. *Por onde começar?* Fiquei pensativo durante um bom tempo. Sabia que o domingo aproximava-se e dois sermões eram esperados. Mas o que mais? O que dizer da direção, gerência ou liderança desta igreja? O que dizer das pessoas que eu pastorearia?

Achei que era conveniente descobrir uma lista dos membros da igreja, mas não sabia onde localizá-la. Enquanto procurava, uma secretária voluntária apareceu e explicou-me como trabalhar no mimeógrafo. Ela estaria de férias

por um mês e os boletins agora seriam responsabilidade minha. Acho que também faltei no dia em que ensinaram a respeito de "mimeógrafos e matrizes". Esse não era o começo que eu imaginara. A secretária me disse que não existia lista de membros, mas era possível providenciar uma. Ela saiu. Fiquei sozinho dentro de um escritório, em uma cidade estranha. Era responsável por algumas centenas de pessoas, pela verdade divina e por um mimeógrafo.

Aprendi rapidamente as tarefas do ministério pastoral. Preguei mensagens, ensinei lições, visitei membros nos lares e no hospital, dei aconselhamento pastoral e conheci a cidade e os seus habitantes. O que esquecia de fazer ou não sabia como realizar, uma pessoa bondosa rapidamente me informava. Mas a pergunta atormentadora: "O que eu faço?", assumiu uma nova forma.

### **A QUESTÃO REAL**

Conforme eu cumpria minhas obrigações — conhecer pessoas, cuidar da igreja, preparar os sermões e os estudos bíblicos e dirigir uma variedade de reuniões bem maior do que eu imaginava —, subitamente percebi que realmente não sabia *quem* eu era.

Porém, de uma coisa eu tinha consciência: era considerado diferente das pessoas comuns da cidade. No hospital, era um dos "membros" do quadro de funcionários. No correio, não era simplesmente David Fisher, mas um dos pastores da cidade. Nos jogos esportivos, minha presença era notada e elogiada. Ao descer a rua principal, certo dia, imaginei que jamais seria considerado um homem "comum" - pelo menos não naquela cidade. Eu fora David Fisher por vinte e seis anos. Subitamente virei o "Reveren-

do Fisher". Uma nova identidade me fora dada e não seria apenas eu mesmo de novo. Acho que não gostei disso. Não me adaptei a alguns dos estereótipos que acompanhavam o título de *reverendo*.

Era convidado para os eventos cívicos simplesmente por ser um dos pastores da cidade. Particpei de um café-da-manhã a convite do prefeito local. Até me sentei ao lado dele. Era um agradável benefício para minha atividade pastoral, pensei.

O administrador do cemitério deu-se ao luxo de providenciar um emprego para mim. Eu era muito jovem e o novo pastor na cidade. Possivelmente ele pensou que eu precisava de trabalho. "Para as 'balinhas' das crianças", disse ele. Ele precisava de mim também. Ele cria firmemente que ninguém devia ser sepultado sem um culto "cristão" adequado. Duas vezes, apenas três pessoas estiveram junto à sepultura: ele, o coveiro e eu. Eu não sabia se devia rir ou chorar.

Fiquei cada vez mais sem jeito, ao tomar-me "alguma coisa". Não gostava de ser definido por expectativas, cargos e títulos. Algumas pessoas me chamavam de "reverendo", outras de "pastor" e um homem sempre se referia a mim como "o pregador". Algumas pessoas perguntavam como deviam me chamar. Mas ainda me sentia como eu mesmo, apesar dos títulos e funções que me atribuíam.

As coisas iam muito bem. A igreja crescia e todos consideravam-me um sucesso. Muitas pessoas me admiravam. O papel de "reverendo" era bem executado, mas sabia que lá no fundo eu continuava o mesmo. A distância entre o que as pessoas pensavam e o que eu realmente era parecia aumentar.

Às vezes é difícil ser ministro. Um dia, eu brincava com meus filhos no pátio entre a igreja e a casa pastoral. Um caminhão carregado de madeira passou em frente. O motorista buzinou e fez-me um gesto obsceno. Isso me perturbou profundamente. Quem eu era para aceitar esse tipo de abuso? O indivíduo não me conhecia. Ele apenas viu um pastor e jogou em cima de mim sua carga de raiva e ressentimento. Em outra ocasião, quando eu realizava minha costumeira corrida matinal, parei para conversar com um fazendeiro que trabalhava com o seu trator. Ele era membro da igreja e tinha um papo interessante. Quando me afastei, ele gritou: "Se você tivesse um emprego de verdade, não precisava andar por aí correndo desse jeito!". Eu sabia que ele era brincalhão, mas por baixo de todo humor há sempre alguma verdade. *Quem sou eu para ele?*, imaginei. Minha corrida diária até o correio assumiu outro significado.

Ter o título de *reverendo* certamente não era tão ruim assim. Na verdade, a maior parte de minha vida pastoral era maravilhosa. A maioria da congregação me amava e gostava também da minha família simplesmente porque eu era o pastor deles. As pessoas queriam ser nossas amigas. Até mesmo passar uma tarde com um jovem casal, para que pudessem tornar-se nossos amigos, era afetada pelo fato de que eu era o seu pastor, algo "especial" para eles. Eu pensava de outra forma. Eles concordaram, mas acrescentaram "pastor". Eu me preocupei, porque eles não foram capazes de separar o cargo do homem. Além disso, tinha a insistente suspeita de que a maioria deles não me amaria tanto se eu fosse um pastor ruim.

Havia mais coisas. Um senhor me telefonou e disse que sua esposa trancara-se no banheiro com uma arma, para se matar. Quando cheguei, ele já havia conseguido controlá-la e colocá-la na cama. Eu me sentei ao lado da mulher e ela se agarrou a mim com tanta força que me machucava. Disse-me que eu era o seu único elo com a vida. Quem realmente eu era? Esta questão de identidade tornou-se ainda mais nebulosa e um pouco assustadora. Eu realmente não queria esse tipo de responsabilidade. Por causa disso, comecei a sentir-me intensamente desgostoso.

O administrador do cemitério me telefonou e disse que um ex-membro da igreja havia se suicidado. Era o meu primeiro funeral. Eu não conhecia ninguém no recinto, mas permaneci ali, para oferecer aos familiares uma palavra de conforto. Quem eu era agora? Uma coisa tinha como certa: para eles, era mais do que David Fisher, o seminarista recém-formado. Para essas pessoas eu era "alguma coisa", e elas esperavam algo de mim. Mas eu não sabia o que eles necessitavam; e eles, provavelmente, também não.

Uma mulher com um passado comprometedor aceitou a Cristo e resolveu me contar seu estilo de vida pregresso. Ela desejava exorcizar algumas lembranças horríveis e hábitos destrutivos. Ela pensava que, por ser um homem de Deus, eu seria capaz de ajudá-la a endireitar sua vida distorcida. Sua história de perversão sexual e violência era incrível e grandemente perturbadora; mas ela esperava que, mediante meu conselho, consertaria sua vida destroçada. Quem era eu para isso?

Até mesmo os deveres rotineiros estavam cheios da questão de identidade. Visitava as pessoas no hospital

regularmente. Quem eu era? Um jovem simpático? Um vizinho e amigo? O pregador?

E, sem dúvida, havia a inevitável questão: quem eu era quando voltava para minha mulher e filhos? Eles conheciam o meu verdadeiro eu, e não o "reverendo". Eles não desejavam um pastor em casa; eles queriam a mim. Isto estava cada vez mais complicado. Eu me tomara uma porção de coisas para muitas pessoas. Como iria equilibrar todos esses papéis? Poderia assumir tantas posições com integridade?

E quem éramos nós, minha esposa e eu, quando estávamos juntos? As pessoas tinham tantas ou mais expectativas com relação a ela, a "primeira-dama" da igreja. Ela não era simplesmente qualquer mulher, e nós não éramos uma família comum. Gostasse ou não, éramos modelos para a comunidade. A questão era: exemplos de quê?

Conversei com meus colegas de ministério e descobri que eles estavam tão incertos quanto eu. Cada um deles tinha uma função distinta e todos exerciam papéis diferentes em suas congregações. Um deles julgava-se evangelista. Outro, achava que era um reformador social. Outro visitava os lares e o hospital durante o dia. A autocompreensão de suas esposas era tão diversa quanto a deles. Algumas eram companheiras de ministério; outras, não. A participação delas na vida da igreja variava muito.

No retiro dos ministros de minha denominação, busquei orientação de meus colegas mais experientes, mas não obtive uma noção clara da identidade pastoral entre eles. O meu maior amigo queria desesperadamente deixar o ministério. Ele procurava um meio para desvencilhar-se de sua "vocação". Preocupe-me muito com isso.

Também fiquei cada vez mais insatisfeito com meus deveres e atribuições pastorais. Aprendi que há pouca satisfação na execução de tarefas sem uma identidade clara e fundamental. Nada no seminário me preparou para esta crise de identidade. Eu sabia quem eu era às 11 horas da manhã de domingo. Minhas raízes evangélicas e meu treinamento eram certos. No ato da pregação eu era o arauto do Senhor que proclamava a Palavra de Deus com poder. Mas quem eu era nas outras 167 horas da semana? Certamente não andava por aí como pregador o tempo todo!

Também ficava perturbado porque o desempenho e as expectativas na igreja e na comunidade não demonstravam ter nenhuma base bíblica ou teológica. Os pastores faziam determinadas coisas simplesmente porque era o que eles deviam fazer. Não eram muitas as pessoas que estavam interessadas em discutir o dever bíblico de um pastor, e poucas queriam lidar com a questão subjacente e fundamental: o que é um ministro do Evangelho?

Revi minhas anotações do seminário e nada encontrei que me ajudasse. Provavelmente eu também havia faltado nesse dia! Percebi que nunca tivera uma conversa a respeito da identidade pastoral que fosse além do "pregador". Procurei desesperadamente literatura contemporânea sobre o assunto. Não foi uma busca fácil. Eu tinha de partir do nada, uma vez que, curiosamente, meu curso ignorava o ensino nesse campo. Li a respeito de "agentes de mudança", "pastores-mestres", "teologia relacional", "diretor pastoral", "pastor reformado", "treinadores" e "pastor como gerente" — todos modelos recentes para o pastorado. Eram alguns dos vinte e tantos modelos contemporâneos de ministério disponíveis no momento. Eu não me identifiquei com ne-

nhum deles. Estavam muito longe da vida da igreja de uma pequena cidade e de minha experiência pastoral emergente. Meus colegas nas igrejas grandes e pequenas, rurais e urbanas, pareciam tão confusos quanto eu. A pergunta tomou vulto: "O que é um ministro do Evangelho no final do século vinte?"

A literatura a respeito do ministério pastoral contemporâneo é notavelmente diversificada. Mas tende a concluir que estamos no ápice da crise e que pelo menos parte do problema é a identidade pastoral em nossa sociedade moderna. Minha luta pessoal era uma pequena parte da realidade maior do ministério em nosso tempo. A profunda ironia é que, embora seja uma questão fundamental no âmago do ministério, em três anos de seminário a questão nunca foi levantada.

Agora, eu estava a mais de 3.000 km do seminário e a quase 200 km da biblioteca teológica mais próxima, sentado em um pequeno escritório com meus cem livros. Os poucos que eu tinha a respeito do ministério pastoral apenas aguçaram minhas dúvidas. Meus colegas estavam tão confusos quanto eu. E minha maravilhosa congregação, por mais simpática que fosse, não podia caminhar comigo por essa estrada.

### **UMA RESPOSTA SURPREENDENTE**

A ajuda veio de maneira inesperada. Certa manhã, eu lia 1 Tessalonicenses. Subitamente uma metáfora viva saltou da página bíblica e acenou-me, e minha vida nunca mais foi a mesma. Paulo disse à igreja em Tessalônica (2:7) que ele fora gentil como uma mãe que cuida de seus filhos. Eu fiquei perplexo. Nunca pensara em mim como mãe, e

certamente não imaginara ser meu ministério semelhante a uma maternidade. A ideia simplesmente explodiu em minha cabeça.

Continuei a leitura. Paulo acrescentou algo à metáfora: ele também fora um pai para os tessalonicenses (ITs 2:11). O apóstolo, além de mãe, considerava-se um genitor pastoral. Eu nunca pensara em Paulo como pastor operante. Esta metáfora de dois lados indicava para mim que ele tinha uma profunda autoconsciência pastoral. Comecei a procurar outras metáforas nas obras do apóstolo que revelassem o seu senso de identidade pastoral. Encontrei-as por toda parte: lavrador, arquiteto, oleiro, general, mordomo, embaixador, escravo, edificador, arauto etc.

Então, concluí que Paulo estava fornecendo a identidade pastoral que eu tanto procurava. Será que a experiência dele seria o meio de eu iniciar minha busca de identidade e a estrutura de uma teologia pastoral? Conforme eu estudava, descobri que as metáforas de Paulo reunidas forneciam um retrato competente e poderoso de um pastor. Ali estava a resposta que eu desejava.

Paulo e os demais apóstolos do primeiro século viveram em circunstâncias similares às nossas. Eles representavam uma fé na marginalidade da vida de seu mundo. Com mais frequência do que nunca, sua mensagem era desprezada pela cultura mais ampla, tanto dos judeus como dos gentios. Paulo podia declarar que ele e seus companheiros eram "o lixo deste mundo,... a escória de todos" (ICo 4:13) e o Evangelho era "escândalo para os judeus, e loucura para os gregos" (ICo 1:23).

Imagine a primeira visita de Paulo à orgulhosa cidade de Corinto. Se a descrição a respeito do apóstolo estiver

correta, ele era um homem de baixa estatura, curvo e calvo. Ele entrou em uma cidade que exibia estátuas de físicos perfeitos e glorificava o poder económico e o valor filosófico. Além disso, a cidade era uma pocilga de perversão moral revestida de religiosidade. Paulo viera para lhes dizer que a espiritualidade deles era defeituosa e a resposta às necessidades deles estava em um homem do Oriente próximo, um judeu, para ser mais claro. Este Salvador era o Senhor que fora crucificado, a fim de pagar pelos pecados deles, ressuscitara dos mortos e exigia pureza moral de seus discípulos. Falou de uma mensagem alienante! Não foi à toa que Paulo confessou ter entrado em Corinto com temor, fraqueza e muito tremor (ICo 2:3).

Ele sabia tudo a respeito das expectativas nada realistas. A igreja em Corinto se excedia nesse sentido. Ela não gostava da aparência do apóstolo, de sua personalidade, nem de seu estilo. Eles diziam: "Pois as suas cartas... são graves e fortes, mas a presença pessoal é fraca, e a palavra desprezível" (2Co 10:10). Eles tomaram claro a Paulo que esperavam alguma coisa totalmente diferente dele como líder. Isso o machucou exatamente como fere a nós. A segunda carta que ele escreveu aos Coríntios é a mais autobiográfica de suas epístolas, e suas páginas tremem cheias de agonia e lágrimas, por causa da rejeição pessoal e pastoral.

Não penso que foi por acidente que a maioria das metáforas pastorais de Paulo encontra-se em suas cartas aos membros da igreja de Corinto. Ele lutava com a sua identidade pastoral contra todo tipo de pressões culturais e eclesiásticas. O apóstolo não tenta esconder sua humanidade, mas nos inclui em sua luta enquanto nos fala a respeito de seus sentimentos como pastor.

Paulo também foi atacado em Tessalônica. Alguns o acusavam de utilizar-se da bajulação e desonestidade, para tirar dinheiro dos cristãos. A primeira parte da carta é um lembrete do apóstolo que, quando ele estava em Tessalônica, era honesto e, acima de qualquer suspeita, seu discurso era marcado pela autenticidade e acompanhado do poder de Deus. Na verdade, Paulo lembra à igreja que foi gentil como uma mãe que cuida de seus filhinhos e os encorajou como um pai que orienta seus filhos. Esses são retratos poderosos de um pastor. Mas por trás das metáforas encontra-se uma verdade ainda mais poderosa. Paulo sofreu muito para que os cristãos de Tessalônica soubessem que, embora o seu amor por eles fosse profundo e sacrificial, ele recebia ordens de Deus, não deles. Sua motivação era agradar ao Senhor e o seu fim era ganhar o elogio do Salvador (ITs 2:4).

Em outras palavras, a forte identidade pastoral de Paulo estava enraizada em Deus. O Senhor fez dele um pastor, equipou-o com as ferramentas de um apóstolo e enviou-o a Tessalônica. Jesus fez de Paulo a mãe e o pai na fé dos tessalonicenses. Todas as acusações do mundo jamais abalariam essa firme convicção. Até mesmo o louvor e a admiração das igrejas não alteravam o fato de que ele recebia as devidas orientações de Deus, e não do mundo ou da igreja.

A última parte de I Tessalonicenses 2:6 esclarece o senso inabalável da identidade de Paulo. Era "como apóstolo de Cristo" que ele foi mãe e pai para os cristãos de Tessalônica. Ele recebia ordens do Senhor da Igreja, e o conteúdo de sua obra pastoral vinha de seu Salvador. Ele era maternal como foi gentil o Cristo que o enviou. Era

paternal como o seu Senhor ensinou e treinou os seus discípulos. A pessoa de Paulo e sua obra pastoral estavam enraizadas no Filho de Deus. O modelo do apóstolo para ser um pai na fé não veio de sua experiência humana, mas de Deus, conforme revelado em Jesus Cristo (para saber mais sobre isto, leia o capítulo 8).

Para um cristão, a questão da identidade é mais do que psicológica. Se a nossa luta é simplesmente contra uma perda de significado, a resposta será estritamente humana e virá na forma de terapia ou algum senso de auto-estima mais elevado. Essa não é a resposta para as pessoas que foram criadas por Deus e renovadas por Cristo. Nossa identidade precisa encher-se do conteúdo cristão, isto é, deve estar enraizada em Deus, formada por Cristo, a fim de receber o poder do Espírito Santo.

Para os ministros do Evangelho, a questão de nossa identidade é muito mais profunda do que os modelos profissionais ou a adaptação cultural. Certamente, é mais do que recuperar um pouco de nosso respeito perdido no contexto da cultura ou da igreja. Nossa identidade, nosso senso de vocação e nossa missão devem estar fundamentadas nas Escrituras e cheias de integridade teológica.

É bom recebermos nossas orientações apenas de Deus, conforme Ele se revelou em Cristo. Embora a cultura contribua com uma parte muito significativa para a nossa formação e função como pastores, não devem vir dela as nossas principais orientações. E, embora as igrejas que servimos sejam subculturas com seus próprios estilos, formas, tradições e expectativas, elas não devem nos dar as ordens. Mesmo que a arte da administração tenha muito a oferecer à Igreja e aos pastores em um mundo que se transforma

rapidamente, as técnicas de gerência não podem definir a obra dos servos de Deus.

Minha crise de identidade era, em parte, meu profundo anseio de significado em um mundo que não pode dar muitas orientações a um ministro de Deus. Instintivamente, adaptei-me à minha cultura e à subcultura da igreja, a fim de descobrir esse significado. Desconfio que minha fome de seminários e livros é alimentada pelo mesmo desejo. Ao longo da vida, aprendi a receber minhas orientações do próprio ambiente que me cercava. Porém, isso é um beco sem saída. Nosso meio pode até nos dar significado, mas é seriamente limitado. Este mundo não pode fornecer mais do que ele pode criar! Se nossa afirmação vem apenas de fontes terrenas, temos apenas um recurso humano deficiente. Se nossa cultura cada vez mais despreza a fé cristã, como podemos imaginar que ficaremos satisfeitos quando buscarmos nela a afirmação? A igreja pode dar aos seus ministros maravilhosa satisfação; mas, se o nosso trabalho ministerial é o que nos dá as nossas orientações, essa é uma esperança realmente muito limitada. Os cristãos sabem amar; contudo, como somos humanos, amamos condicionalmente. Os melhores pastores devem compreender que, se ficarmos subitamente aleijados ou perdermos nossa capacidade de trabalhar, grande parte de nossa afirmação vai desaparecer.

Portanto, saibamos que nossas principais orientações vêm de Deus. Nossa identidade encontra-se em seu Filho, que nos chamou para o seu serviço. Aprendamos a viver sob o sorriso de Deus, cientes que a alegria humana não passa de glacê no bolo divino. Nosso senso de propósito e sucesso deve vir de nossa identidade como servos de Cristo.

Nossa maior dificuldade é mantermos o delicado equilíbrio entre a descoberta de nossa identidade e as ordens de avançar em Cristo e amar a igreja com a sensibilidade adequada. A natureza humana tende a nos levar em uma destas direções. Podemos ficar tão cheios de nossa identidade como servos do Senhor, que nos tornaremos antipáticos e insensíveis. Ou reagimos com tal profundidade ao nosso povo e às necessidades dele (afinal, somos pastores!), que recebemos a nossa identidade e medimos nosso valor por ele. A maioria de nós fica insegura e procura agradar às pessoas, sendo facilmente manipulada para o bem ou o mal. Contudo, vivemos sob as ordens de Cristo. É uma situação difícil de ser compreendida.

Paulo combina os dois lados da equação pastoral no mesmo parágrafo de 1 Tessalonicenses 2. Ele não busca o louvor da igreja ou de alguém (v. 6). Mas foi brando entre eles "como a mãe que acaricia os seus próprios filhos".

Lá no fundo de seu coração, Paulo considerava-se propriedade de Cristo. Jesus, o Senhor da Igreja, o chamou para um ministério no qual ele permaneceu como pastor e apóstolo. Tudo o que fez fluía de seu profundo senso de estar sob as ordens de Cristo. Este é o fundamento da identidade pastoral cristã.

Ao mesmo tempo, Paulo podia dizer que se fez tudo» para com todos (ICo 9:22). Ele era sensível ao seu ambiente e ajustava o seu ministério à igreja e à comunidade. Entretanto, esta formação cultural e eclesial, embora fosse crucial, era edificada sobre o sólido fundamento de sua identidade em Cristo.

Tenho um amigo que é um pastor de muito sucesso. Milhares de pessoas são arrebanhadas para ouvi-lo pregar.

Sua igreja é um modelo de evangelismo e discipulado. Um dia, ele fez uma declaração assustadora. Ele disse: "Eu não recebo nenhuma retribuição do meu trabalho nesta igreja". Ele afirmou ainda que a sua satisfação vinha de sua comunhão com Cristo, seu casamento e seus filhos. Eu ainda não cheguei lá. Desconfio que a teologia do meu amigo é mais forte do que a sua experiência e aí é que está o segredo. É verdade que Deus chama os seus servos para um trabalho divino e maravilhoso. Também é certo que trabalhamos em um ambiente muito humano. Eu ainda convivo com estereótipos, papéis e expectativas. Ainda estou cheio de dúvidas e temores. Com frequência não me sinto bem como pastor. Quero a ratificação humana e o respeito da comunidade. Às vezes, não gosto de ser pastor, especialmente quando existe algum abuso.

Mas sei que Paulo estava certo. Sou um servo de Cristo. Esse é o fundamento de minha vida. Lá no escritório daquela igreja rural, descobri que Jesus me chamou para este trabalho com o propósito de que eu pastoreasse aquela parte de seu povo. Tudo mais no meu ministério flui desta convicção fundamental. Quando lembro quem sou em Cristo e submeto-me a esse chamado, sinto-me livre e, desconfio, um pastor melhor.

# 4

# DE QUEM É ESTA IGREJA?

---

## A. QUESTÃO DA ECLESIOLOGIA

Jamais vou esquecer minha primeira noite na "Sociedade dos Pais Solteiros" na Igreja Evangélica Livre de Crystal. Eles me convidaram, como seu novo pastor, para conhecê-los. Reuniam-se todas as quintas-feiras à noite para estudos bíblicos e debates, embora muitos deles não frequentassem regularmente a nossa igreja. Muitos de seus membros conheceram a sociedade por meio de amigos. Tive conhecimento de que o grupo realizava um ministério poderoso, para atender a necessidades muito especiais. Também soube que muitos dos pais solteiros se converteram a Cristo, por intermédio do ministério dos grupos familiares. Conhecia seus líderes e estava ansioso por conhecer seus métodos de trabalho.

Quando entrei no recinto, imediatamente senti o sofrimento no ar. Nunca experimentei um sentimento semelhante. Aqueles pais solteiros, homens e mulheres,

velhos e jovens, conheciam uma dor que não tem nome, tão forte que permeava o espaço. Senti-me esmagado.

Depois das apresentações, fiz um pequeno discurso e abri a reunião para as perguntas. Eles tinham apenas uma para me fazer, embora viesse em diferentes formas: "Esta igreja tem lugar para gente como nós?", "Vocês nos aceitam?", "Deus nos oferece alguma esperança?", "O senhor, como pastor, vai ajudar-nos a encontrar um futuro?", "Esta igreja pode ser um lugar seguro para sermos curados e crescermos?".

Um desses pais solteiros era pastor, outra era ex-esposa de um ministro evangélico de renome. As vidas de ambos estavam arruinadas e seus ministérios, efetivamente destruídos. Como muitos outros naquela sala, não viam muita esperança no dia de hoje e no amanhã. Para alguns, a questão era se o seu cônjuge permitiria que vissem os filhos. Para outros, era a sobrevivência à margem da pobreza. Para todos eles, o maior empreendimento de suas vidas fora arruinado e sentiam-se totalmente falidos. Ali, em um ambiente cheio de misericórdia e amor, muitos aceitaram a Jesus e experimentaram a graça pura do Evangelho de Cristo.

Naquela noite, aprendi outra dimensão do poder do Evangelho. Quando a Igreja se estende compassivamente para os feridos, muitos vêm e encontram cura substancial no Corpo de Cristo. Gente quebrantada geralmente vê suas necessidades espirituais e volta-se para Deus ou para a Igreja em busca de ajuda. Quando sabem que o povo de Deus interessa-se genuinamente, quando os recebemos com as suas necessidades, quando eles vêem que realmente queremos amá-los e ajudá-los, eles vêm — eu sou testemunha. A notícia corre rapidamente.

Durante algum tempo, conheci o poder da graça e do Evangelho entre o povo de Deus. Um domingo de manhã, eu observava a congregação durante o ofertório. Enquanto meus olhos passeavam sobre o povo, lembrei-me da profundidade das necessidades que as pessoas tinham partilhado comigo. Eu havia caminhado por águas profundas com quase todos eles. A oração pastoral veio a seguir, e mal consegui enunciá-la, enquanto os fardos acumulados desses queridos filhos de Deus repousavam sobre a minha alma.

Acho que nunca mais fui o mesmo. E tomei a decisão de que o culto também não mais seria o mesmo. Daquele dia em diante, percebi que o culto público era uma oportunidade dada por Deus para o poder do Evangelho fazer a sua obra. E foi o que aconteceu. Não apenas por meio da pregação e do ensino, mas também por intermédio do ministério mútuo do povo de Deus reunido para se encontrar com Ele. E, durante a semana, o trabalho prosseguiu. A vida foi partilhada, a graça e o Evangelho foram oferecidos, e muitas transformações aconteceram.

Mas naquela noite, na "Sociedade dos Pais Solteiros", aprendi que a Igreja deve ser um lugar de cura para os que não são evangélicos. Se o nosso padrão é a encarnação de Cristo e a busca dos perdidos é a missão, precisamos encontrar meios de levar a misericórdia e as boas novas aos perdidos e necessitados. Nosso amor pelas almas deve acompanhar nossa paixão pela verdade. É necessário que seja assim.

Recentemente, ouvi um capelão de um campus universitário falar de uma resposta que obteve em sua oração especial. Durante vários anos, ele orou para que Deus lhe desse compaixão pelos homossexuais. Foi uma grande

batalha, ele confessou, ministrar a Palavra de Deus para este grupo tão rejeitado pela sociedade. Ele contou como Deus respondeu à sua oração e o alcance de seu ministério expandiu-se extraordinariamente. A Igreja do Século XXI fará isso também?

Cercam-nos dezenas de necessidades especiais. Cada uma delas é uma oportunidade de expandir o Evangelho e dispensar cuidados cristãos. A Igreja estará ali com as boas novas de Deus para pessoas que não têm esperanças aqui na Terra? Ela apresentará as ternas misericórdias de um Senhor que nunca criou uma pessoa que Ele não amasse com amor eterno? Grupos de apoio para uma quantidade assustadora de males criados por um mundo moderno e pós-moderno já brotam por aí, quando o povo de Deus começa a tomar posse desta época para o reino de Cristo. A imensa destruição que a modernidade certamente provocará deve ser enfrentada por uma Igreja cheia de graça, que se debruça sobre uma sociedade carente e cheia de necessidades.

A sensibilidade cultural e a mão estendida são essenciais em qualquer época, mas particularmente na nossa. Contudo, também existe um grave perigo em qualquer tempo e, mais especialmente, no nosso. Em nossa preocupação com os perdidos e nossa adaptação de métodos e estruturas para os de fora, arriscamo-nos a permitir que a modernidade defina a agenda da Igreja. Se não tomarmos cuidado, ela poderá criar a nossa identidade. Arriscamo-nos a correr em tantas direções de uma só vez, a ficarmos tão ocupados e a fazer o que pensamos ser a obra de Deus, que poderemos nos esquecer de quem somos, a quem servimos e qual é a nossa missão.

Em outras palavras, permanecer no trilho estreito sobre o qual a Igreja deve andar é difícil. Como podemos ser tão sensíveis para com o nosso mundo e suas desgraças como Jesus foi e, ao mesmo tempo, permanecer fiéis à Igreja e ser como as Escrituras exigem que sejamos? Ou, se invertermos, podemos ser a Igreja - una, santa e apostólica, fundamentada nas Escrituras, com dois mil anos de sabedoria acumulada - sem perder o contato com os nossos vizinhos? Paul Tillich disse há muito tempo: "Nos dois últimos séculos, a questão constante para a teologia protestante é esta: a mensagem cristã pode ser adaptada para a mente moderna, sem perder o seu caráter essencial e único?"<sup>1</sup> Tillich estava certo — esse é o problema da teologia e, o que é mais importante, da Igreja. Afinal, a Igreja está onde o cristão é mais frequentemente visto pela modernidade. Como adaptamos a mensagem para o mundo pós-cristão, sem perdermos o nosso formato bíblico especial?

Não basta ser culturalmente sensível ou até mesmo ter compaixão avassaladora pelos perdidos. Precisamos de pastores que entendam os tempos e as normas bíblicas. Particularmente, precisamos de líderes evangélicos com uma profunda compreensão da ideia bíblica sobre a Igreja. Ajustá-la a uma nova era não é um assunto tão fácil. É, na verdade, o seu problema contínuo. Certamente o Evangelho deve ser contextualizado; Paulo ensinou-nos assim. Ele se fez de tudo para todos, a fim de ganhar alguns. Mas, ao mesmo tempo, a Igreja é sempre Igreja. Ela dá testemunho da eternidade, é governada por valores diferentes deste mundo e distingue-se por seus membros serem semelhantes <sup>a</sup> Cristo, algo totalmente diferente da modernidade.

Estamos no meio de uma reforma. Apesar do que podemos pensar disso, a Igreja é constantemente reinventada. Ou, mais especificamente, o cristianismo evangélico é redefinido por suas diversas denominações. Os centros de influência evangélicos mais antigos, tais como a Associação Nacional de Evangélicos, *Christianity Today* (O Cristianismo Hoje), a Associação Billy Granam e os seminários evangélicos simplesmente não dão mais forma ao movimento como antigamente. Ninguém com quem eu converso considera aqueles antigos centros cristãos como influentes em suas vidas ou ministérios.

Os centros de influência nesta geração são as grandes igrejas, milhares delas, a maioria das quais não existia há vinte anos. Posso me aventurar a dizer que Bill Hybeis, o pastor da mais conhecida e maior dessas denominações, a Igreja da Comunidade de Willow Creek, em South Barrington, Ulinois, é um dos líderes mais influentes no protestantismo americano. Não estive ainda em uma reunião de líderes cristãos nos últimos cinco anos na qual ele e sua igreja não fossem um tópico de discussão.

Associações de pastores e líderes, não organizações, são os maiores centros de influência. A Associação de Líderes, com escritório em Tyler, no Texas, é um desses casos. Ela foi fundada para fornecer um sistema informal de apoio aos pastores das grandes igrejas. Inicialmente, dez a quinze pastores reuniam-se durante vários dias, sem uma agenda pré-estabelecida, simplesmente para se relacionarem e aprenderem uns com os outros. Mais recentemente, a associação tem oferecido novas formas de educação contínua chamadas "ápices". De maneira significativa, seus professores são práticos e não teóricos. Como participante de ambos,

um fórum e diversos ápices, posso dizer que aprendi mais sobre como ser pastor e líder cristão ali do que em qualquer outro lugar, excetuando minha própria experiência. As associações e os seus debates exercem enorme influência nas grandes igrejas do nosso tempo e por meio delas.

Grandes igrejas são um fato na vida da América. Por favor, observe que este é um movimento que não começou com teoria, líderes e literatura a respeito do crescimento das denominações evangélicas. Na verdade, as grandes igrejas brotaram na América muito antes das teorias de crescimento serem ensinadas. Deus levantou uma nova geração de pastores empreendedores que criou um novo tipo de igreja. Eu me lembro do entusiasmo e admiração de meu pai e seus amigos, nos anos 50, quando discutiam algumas dessas primeiras grandes denominações. Até visitamos algumas para observação. Desde então, milhares delas, de tamanhos sem precedentes, pelo menos no protestantismo, surgiram para criar uma nova força no cristianismo americano. O *Guinness* sugere que o surgimento das grandes igrejas é o movimento eclesiástico mais significativo no século XX.<sup>2</sup> Parece que a tendência não se alterará no futuro próximo.

Seja o que for que disserem a respeito das grandes igrejas, uma coisa é certa: elas colocaram as missões de volta no centro do cristianismo. O resultado é que as grandes e pequenas denominações estão cada vez mais interessadas em alcançar seus vizinhos. O evangelismo está de volta nas igrejas.

Ocorre também um movimento resultante da consci-<sup>^</sup>tização igualmente importante, se não mais significativo. intencionalmente ou não, o aumento exponencial das

grandes igrejas na América leva a eclesiologia para o primeiro lugar na consciência evangélica. O tamanho, a complexidade e o foco estratégico das grandes denominações forçam os pastores, os líderes das igrejas e os teólogos a pensar criativa e bíblicamente sobre a natureza de cada uma delas, especialmente as locais.

Uma jovem estudante queixou-se a mim de que a sua faculdade de teologia tinha pontos de vista fundamentalmente opostos a respeito da Igreja. Eu confio que essas normas receberão um exame completo dos teólogos e imploro-lhes que incluam os pastores em seus diálogos.

Todas estas mudanças representam um fundamental e necessário paradigma na eclesiologia e teologia pastoral. Ambos, a Igreja e o seu ministério, são repensados em termos de missão evangelística na sociedade pós-cristã. A noção de igreja como um porto seguro da modernidade e de ministério como uma preocupação parecida com a do capelão com a organização dão lugar a uma denominação com suas portas escancaradas, com o propósito de enviar o seu povo para transformar a modernidade.

### **O DESAFIO ECLESIAÍSTICO**

Em meu julgamento, a mudança que testemunhamos é um movimento nascido de Deus e um momento *oportuno* a ser captado. Minha principal preocupação é que este movimento recupere uma compreensão bíblica da Igreja, para acompanhar seu devido senso de missão.

### **O que é a Igreja?**

Em algum ponto ao longo do caminho, a eclesiologia, a doutrina da Igreja, perdeu-se. Suponho que a luta pela

integridade teológica logo no início deste século tenha forçado um interdenominacionalismo irrefletido que simplesmente não tinha tempo ou energia para o pensamento eclesiástico. As linhas denominacionais mesclaram-se na batalha, enquanto muitas organizações paraeclesiásticas assumiram partes da missão da Igreja. A eclesiologia foi colocada dentro da teologia.

Apesar disso, a eclesiologia tornou-se confusa, na melhor das hipóteses, e, mais comumente, foi ignorada ou mal-entendida. E onde há uma ideia confusa a respeito da Igreja não pode haver um pensamento claro sobre o seu ministério.

### **Onde está a doutrina da Igreja?**

A eclesiologia moderna possui uma face muito humanista, especialmente em território americano. Nossa teologia protestante durante algum tempo esteve mais interessada em questões do governo do que em eclesiologia fundamental. O pensamento eclesiológico americano tende forçosamente para questões de organização, governo, escritório e diretoria. Tudo isso é importante, mas raramente vai além da natureza da Igreja universal ou, em termos da igreja local, do significado da palavra *ekklesia*. Na Bíblia, contudo, esta doutrina é muito maior e mais profunda. A eclesiologia bíblica apresenta o *caráter* diferente do povo de Deus. Os debates mais longos das recentes eclesiologias são quase sempre questões de governo. A discussão teológica fica geralmente restrita à Igreja organizacional ou universal. Esta quebra entre as questões terrenas e práticas, pertinentes à comunidade evangélica, e as questões teológicas e eternas provocou enormes erros na Igreja. Falta

a reflexão teológica ou, mais particularmente, o pensamento teológico integral a respeito da Igreja, especialmente na comunidade evangélica. A eclesiologia ficou marginalizada e destituída do aspecto teológico. Ela é menos "teológica" do que o próprio corpo da teologia.

Nos atuais círculos evangélicos, a mostragem teológica da Igreja virtualmente desapareceu. No pensamento popular, o próprio evangelismo ou alguma noção calvinista imprecisa tornou-se a Igreja universal. A comunidade cristã é uma questão de organização. Qualquer eclesiologia é, quando muito, uma abstração divorciada da função das denominações evangélicas, onde a real vida eclesiástica acontece. A recuperação da eclesiologia deve incluir um lado *funcional* poderoso, a vida e o ministério de uma congregação local na reflexão bíblica teológica.

A ausência do pensamento evangélico a respeito da Igreja já foi observado. O registro de maior destaque foi o artigo de Robert Patterson, "Em Busca da Igreja Visível", em *Christianity Today*.<sup>5</sup> Esse autor declara que os evangélicos enfraqueceram e abandonaram a eclesiologia. Ele observa a falta de artigos a respeito desta doutrina bíblica em *The Journal of the Evangélica! Theological Society* (O Jornal da Sociedade Teológica Evangélica) e a notável ausência de declarações a respeito da eclesiologia em dois documentos teológicos importantes: "Afirmações Evangélicas" e "Manifesto de Manila". Poderia acrescentar a igualmente notável ausência de um artigo a respeito da eclesiologia na declaração de fé da Associação Nacional dos Evangélicos. O que os teólogos pensam a respeito de suas obras? Que valor tem a teologia, se não aponta de alguma forma para a igreja local, onde a fé e a vida

acontecem? Será que alguém se lembra de que o Novo Testamento foi escrito para as comunidades evangélicas?

### **E a igreja local?**

Semelhante negligência está patente na vida da igreja local, onde a fé e a teologia finalmente residem. Patterson detecta certa mentalidade "McCristã" que introduz o consumismo na comunidade evangélica,<sup>4</sup> que geralmente é vista como o local que recebe bens e serviços, em vez de um corpo cujo propósito é o de servir. Ela é uma das opções na lanchonete da vida cristã. Os consumidores da religião decidem filiar-se a uma denominação, com base nos melhores serviços disponíveis. Raramente ouço alguém dizer que se filiou à nossa igreja porque sentiu que Deus o trouxe para nós. Muitos vêm porque um ou alguns dos nossos ministérios atendem às suas necessidades. Certamente isso não está errado, mas deixa fora grande parte da doutrina bíblica da Igreja.

O evangelismo moderno inclina-se a negligenciar as ordenanças de Jesus. Vivemos com o espectro de um grande número de cristãos não-batizados (um paradoxo histórico e teológico) e uma imensa quantidade de professos sem nenhum relacionamento com a igreja local, sem sentir que precisam tornar-se membros de uma denominação evangélica.

### **O significado central de eclesiologia**

A perda da eclesiologia em qualquer nível não é uma questão sem importância. Poderia ser finalmente fatal. A eclesiologia é o lugar onde existe toda a teologia. Alguns até diriam que o elemento mais informativo e revelador

de qualquer teologia é a sua eclesiologia. A teologia evangélica está cada vez mais afastada da vida da comunidade cristã, talvez em parte por negligenciar o local onde a própria teologia descansa - a igreja. Pelo contrário, nossos teólogos tendem a destinar sua obra para si mesmos e suas academias.

Por causa da negligência, a atividade da igreja se transformou em eclesiologia. Muitas palestras e a própria teologia eclesiológica são principalmente descritivas. Parece que não há um conjunto de reflexões bíblicas e teológicas a respeito da igreja local. O perigo é muito grande, especialmente se a eclesiologia em um sentido muito real é o local onde repousa toda teologia. As implicações para uma igreja e o seu ministério são enormes.

A separação entre a doutrina da igreja e o corpo da teologia inevitavelmente cria um pensamento eclesiástico, de acordo com as linhas organizacionais humanas. Nem é preciso dizer que o ministério cristão sofre em consequência disso. A prática do ministério, a obra humana dos pastores, é o ponto central. A atividade ministerial é agora a teologia do ministério. Os pastores vivem com uma compreensão diminuída de si mesmos como ministros cristãos e realizam sua obra sem uma visão bíblica e teológica clara para a igreja e seu ministério.

Está patente que o ministério pastoral recebe o seu significado da eclesiologia. A igreja é a casa na qual esse ministério se realiza. Este aspecto dá forma ao caráter do ministério. Sem uma doutrina explícita da igreja, não existe um verdadeiro ministério cristão, mas apenas imitações. O ministério pastoral, portanto, deve começar de maneira adequada, com uma eclesiologia poderosa e transformadora.

Como, então, deveria ser o retrato da igreja? Essa é a pergunta certa e exige o devido ponto de partida. A direção deste comentário é crítico e é uma questão de integridade teológica. Discussões e conclusões dependem de pontos de partida adequados. Nosso ambiente, este mundo, este tempo tumultuado é o local absolutamente errado para se começar. Inevitavelmente acabamos com uma eclesiologia descritiva que não é completa. A descrição é adequada, mas é dada no final. É uma conclusão, o final devido de uma discussão muito importante que deveria vir em primeiro lugar.

### **A QUESTÃO ECLESIAÍSTICA**

Miliard Erickson observa que a eclesiologia protestante não recebeu investigação teológica continuada.<sup>5</sup> Isso não quer dizer que houve poucas obras escritas a respeito da Igreja. Desde 1960 muitas obras foram publicadas, mas quase todas elas foram descritivas.

### **O âmago da questão**

Erickson destaca corretamente que a verdadeira questão eclesiológica é muito mais profunda. A eclesiologia deve começar com a essência da Igreja, pois o que ela é direciona todas as outras discussões. Ele observa corretamente que nossa cultura cada vez mais pragmática está impaciente com as discussões a respeito das essências.<sup>6</sup> Temos grande preferência pelas descrições. Gostamos de edificar a teologia desde as bases. Por isso, a reflexão teológica, especialmente no nível popular, é difícil. Mas a essência é exatamente onde devemos iniciar — na teologia e na igreja.

Erramos em duas direções. É possível acusar a eclesiologia evangélica de uma forma de docetismo.\* Uma visão semicalvinista e bastante popularizada da "verdadeira" Igreja, como a universal e invisível, inclina-se nessa direção. Esse tipo de pensamento coloca a comunidade evangélica em uma posição secundária e mantém-nos afastados de uma eclesiologia real ou funcional — a natureza da igreja local. E é nas congregações que o cristianismo é vivenciado.

Ou, ao contrário, podemos ser igualmente ebionitas."<sup>7</sup> Nossa preocupação com o cristianismo histórico, as questões pragmáticas, as coisas sem importância da igreja, o lado humano de grande parte do pensamento eclesial americano forçam a nossa eclesiologia a sofrer de uma falta de transcendência. A igreja é ou se toma estritamente humana. Em nosso tempo, esta eclesiologia mais ou menos ebionita é preponderante. À luz do Novo Testamento, uma eclesiologia assim é totalmente deficiente. Então, o que é a Igreja?

Hans Kung responde a esta pergunta. Na eclesiologia, "um fato precede a explicação... A Igreja é uma essência que assume forma histórica".<sup>8</sup> Se essa essência não for o ponto de partida de toda discussão eclesiológica e ministerial, a igreja fica mais prisioneira de suas próprias teorias do que sujeita ao seu Senhor.

\*N.R.: O docetismo, do verbo grego *dokeo*, que significa *parecer*, foi uma heresia gnóstica do primeiro século segundo a qual Jesus Cristo não seria realmente humano, apenas teria aparência humana. O gnosticismo partia da premissa de que o espírito é bom e a matéria é inerentemente má.

"N.R.: Partidários do movimento judeu-cristão dos primeiros séculos de nossa era que professavam a continuação, no cristianismo, das ordenanças e práticas da lei mosaica. Neste caso, o autor aplica o termo em referência às formas de secularização que descartam a transcendência na eclesiologia.

### **A Igreja é definida pelo seu Senhor**

O pensamento eclesiológico sadio começa com a ideia cristológica. Parece óbvio, mas é um ponto que os evangélicos modernos parecem esquecer. A Igreja com suas profundas raízes na doutrina de Cristo é teologia cristã fundamental. Há um século, P. T. Forsyth, um teólogo congregacionalista, lamentou a perda do poder na Igreja de seu tempo. Era, ele dizia, o resultado da perda do poder e da presença de Cristo em sua denominação. A igreja deve ter, Forsyth dizia, um Senhor bastante grande, para se opor aos poderes demoníacos desencadeados pelo Século XX.<sup>9</sup> Ele afirmou que, quando a eclesiologia é separada da cristologia, fica separada do poder de Cristo, e a Igreja inevitavelmente torna-se pouco mais do que um clube social, uma mera sociedade religiosa.

Kari Barth concorda: "A eclesiologia recebe raízes firmes na obra reconciliadora de Deus em seu Filho".<sup>10</sup> Ele acrescenta que "a questão cristológica não pode ser evitada". Jürgen Moitmann junta-se ao coro eclesial cristo-cêntrico: "Se Cristo é o fundamento da Igreja, a cristologia será o tema dominante da eclesiologia".<sup>12</sup>

Esta essência cristológica não é, entretanto, mera reflexão teológica, alguma pedra de toque doutrinário remoto. Thielicke diz melhor: "O fundamento da igreja é a presença de Cristo".<sup>13</sup> Isto não é simples mesquinha teológica nem apenas uma pressuposição sobre a qual se edifica uma prática eclesiástica maior. O fundamento e o centro de uma doutrina transformadora da Igreja de Cristo é a própria e real presença do seu Senhor.

Nada poderia ser mais necessário (ou "relevante", eu diria) em uma época como esta. O fato e a experiência de

Jesus Cristo, sua presença e senhorio *em e sobre* nossa vida e sua Igreja é o fundamento e o ser da Igreja do Senhor. Apenas isso garante transcendência, uma dimensão sobrenatural que é precisamente o que as pessoas em nosso mundo procuram em todos os lugares errados.

### **O Senhor está vivo em sua igreja**

O Novo Testamento está edificado sobre uma poderosa pressuposição, que é, de fato, uma realidade viva. A poderosa palavra e obra da Igreja no Pentecostes, o impacto da missão paulina, a dinâmica vida espiritual das comunidades cristãs e a substância das epístolas - tudo isso pressupõe uma realidade viva. Kung diz que o fato histórico da Igreja assume uma essência anterior.<sup>14</sup> A eclesiologia do Novo Testamento não é uma reflexão sobre simples ideias, discussões de princípios abstratos ou a criação de uma teologia interessante. A Igreja primitiva estava em contato com a realidade que criava ideias, princípios e teologia.

Os cristãos primitivos estavam convencidos de que o Cristo ressuscitado e glorificado estava no meio deles. Para eles, essa presença era e é a essência da Igreja. Essa realidade fundamental, a presença poderosa de Cristo, criou o fato da Igreja e todas as descrições no Novo Testamento, que foi escrito a respeito dessa experiência cristológica. É esse miolo que deve ser o centro teológico, como também o fator definidor experimental na eclesiologia. A transcendência, presença eterna, é o ponto de partida de uma eclesiologia bíblica. Ela se inicia na história empírica e continua a viver no tempo regular. Mas sua essência é o Senhor eterno que se encarna novamente em sua Igreja.

"Pois onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles" (Mt 18:20) não era um versículo das Escrituras para eles — era uma realidade. Eles conheciam a promessa de Cristo de que edificaria sua Igreja e as portas do inferno não prevaleceriam contra ela (Mt 16:18), em um contexto maior e transcendente.

Mateus apresenta em seu evangelho o "Emanuel", Deus conosco (1:23). Ele conclui com um resumo desta essência eclesiológica fundamental, quando Jesus diz: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (28:18). Pense nisso por um minuto: Cristo é o Senhor do tempo e da eternidade e, portanto, de sua Igreja na história. Então Ele a comissiona para fazer discípulos por toda parte e sempre. A Grande Comissão termina ainda mais magistralmente do que começou: "E certamente *estou convosco todos os dias*, até à consumação do século" (v. 20). Aqui está o ponto central de toda reflexão e atividade eclesiológica! Este é o começo de uma eclesiologia bastante significativa para a modernidade.

O Novo Testamento está cheio de imagens e metáforas para a Igreja. Cada uma delas a seu próprio modo destaca o mesmo ponto: a Igreja pertence a Cristo e é, portanto, definida por sua presença. Paulo fala frequentemente de uma congregação local como o Corpo de Cristo (1 Co 12:12-31). A Igreja também é descrita como a Noiva do Cordeiro (Ap 21:9), um quadro extraordinariamente poderoso de posse e participação. O senhorio de Cristo sobre a Igreja dificilmente poderia ser mais específico. Paulo lembrou à comunidade cristã em Corinto que ela (imagine!) era o templo de Deus (1Co 3:16), o lugar onde o Espírito Santo residia. Toda a Trindade está envolvida na propriedade, no senhorio e na participação em uma igreja local.

Desde a Reforma, somos ensinados a pensar na Igreja em termos de Palavra e ordenança. Com demasiada frequência, nivelamos ambas e as humanizamos, até mesmo quando agimos com reverência. Precisamos repensar a Palavra e a ordenança. A Palavra está no centro da vida e dos ensinamentos da Igreja. De maneira suprema, a Palavra é Jesus, a Palavra de Deus viva que habita entre nós (Jo 1:14). Paulo declara ousadamente que a proclamação da salvação em Jesus é a própria "Palavra de Deus" (ITs 2:13). As Escrituras, a Palavra escrita de Deus, são a sua mensagem e, portanto, a espada viva e ativa do Espírito, que nunca fracassa em realizar os seus propósitos (Hb 4:12).

As ordenanças são igualmente poderosas, porque elas também pertencem a Cristo e encontram a sua realidade e o seu significado nele. Paulo diz que a Ceia do Senhor é uma "participação" (*koinonía*) no corpo e no sangue de Cristo (ICo 10:16,17). Independentemente da compreensão das ordenanças, uma participação no corpo e sangue de Cristo é, sob todos os aspectos, uma presença poderosa do Cristo ressurreto.

De acordo com os apóstolos, a existência da Igreja é o resultado da ressurreição de Cristo. Jesus é agora o Senhor exaltado que vive em sua Igreja (Rm 1:4). A experiência eclesial da comunidade cristã primitiva está centralizada na presença do Senhor em sua Igreja.

O livro de I Coríntios contém duas referências à presença de Cristo na adoração corporativa, as quais indicam que a Igreja primitiva cria que Jesus realmente estava no meio dela. Na presença do Senhor, as coisas aconteciam. Na primeira passagem, Paulo explica o que acontecia em uma

reunião: "...o que tal ato praticou, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, juntos vós e o meu espírito, *pelo poder de nosso Senhor Jesus Cristo*, seja entregue a Satanás..." (5:3-5, grifo acrescentado). Que presença e poder espantosos — e que responsabilidade!

A segunda referência está na discussão de Paulo sobre os dons espirituais. Seja como for que interpretemos alguns dos mais controvertidos dons e a sua expressão no culto público, uma coisa é certa: seu poder flui da presença de Cristo nas pessoas. A profecia, por exemplo, não parece ser um dom espetacular; ele é ordeiro e racional, usado por alguém que fala sob orientação divina. Mas os incrédulos ficarão tão convencidos pelas palavras de quem profetiza que cairão de joelhos em arrependimento e exclamarão: "*Deus está verdadeiramente entre vós!*" (ICo 14:24,25). Esta é a essência e a definição da igreja cristã:

"Deus está verdadeiramente entre vós".

A passagem de Hebreus 12:18-29 é um texto clássico do culto cristão. Ele compara a assustadora experiência do culto de Israel no monte Sinai com o alegre culto da Igreja no monte Sião. O autor confiantemente proclama que, quando adoramos, adentramos a própria eternidade e ligamos a nossa experiência com os santos, os anjos e o trono de Deus, onde o próprio Jesus se encontra conosco.

Nossos puritanos pais eram mais sábios do que nós sob muitos aspectos. O sinal que distinguia a sua eclesiologia era notavelmente apostólico. Sua luta era contra a igreja episcopal, a qual reivindicava que a verdadeira comunidade cristã existia apenas onde residia um autêntico bispo, pois a presença dele validava e dava

poder à igreja local. Outros reivindicavam que a verdadeira comunidade cristã existia onde havia um clero em pleno funcionamento. Este ponto de vista presbiteriano declarava que um ministro legitimamente ordenado validava e dava poder à Igreja.

Os puritanos pensavam de modo diferente. Eles ensinavam que a presença de Cristo criava uma igreja genuína e que a sua glória era tão real e poderosa que cada comunidade cristã podia, portanto, tomar suas decisões de forma adequada e determinar o seu destino. Mas isto é muito mais do que uma forma de governo eclesiástico. Mais importante é a presença de Cristo dando poder à sua Igreja. Não nos admiramos de que a pregação dos puritanos fosse descrita como "quente". E não nos surpreendemos que a sua "religião experimental" fervesse e transbordasse em igrejas que transformavam vidas e alteravam a sociedade.

### **Uma Igreja autêntica para a modernidade**

A Palavra é a verdade para edificação e vida. É o fundamento da eclesiologia, do pensamento eclesial e do planejamento de qualquer teologia pastoral aplicada. Nada pode ficar em maior contraste com a modernidade. Estamos diante de uma geração incrédula que não crê em nada, com base na premissa de que nada pode ser conhecido com certeza absoluta. Deus foi colocado de lado na geração anterior, e tudo o que ficou é a experiência humana imanente e categórica. É triste dizer que a Igreja tem oferecido muito pouco, em parte em consequência do fracasso da eclesiologia. Staniey J. Grenz e Roger E. Olson resumem a teologia do século XX como a luta pelo equilíbrio entre transcendência e imanência.<sup>15</sup> Isto certamente é

verdade quando se trata do pensamento evangélico a respeito da Igreja. Infelizmente, em nossa preocupação pela transcendência em outros níveis, nós nos esquecemos dela na Igreja, onde os cristãos leigos vivem e aprendem. A batalha maior contra a modernidade acontece nas trincheiras, no centro eclesiológico, onde a luta é grande.

A eclesiologia é obviamente mais do que teologia sem encarnação. É a garantia de que as igrejas como a minha e a sua têm um centro sobrenatural. A essência da Igreja, o fato do qual ela depende, é a presença do Senhor transcendente. Todas as descrições da Igreja devem fluir dessa realidade.

É simples demais, até mesmo reducionista, presumir que a presença do Senhor transcendente em poder tra-duz-se em "sinais e maravilhas", como o termo é geralmente utilizado. Em sua forma mais simples, isso significaria que tudo o que Jesus fazia eram milagres, o que esvaziaria os seus ensinamentos de poder e tiraria a cruz de seu lugar como o evento definidor da história e da teologia. A presença e o poder de Cristo são muito mais amplos no Novo Testamento.

Uma fé encarnacional leva a encarnação de Cristo a sério. Cremos que a Palavra eterna tomou-se carne e habitou entre nós. O Senhor vivo da História introduziu a eternidade no tempo e no espaço. Quando Ele falava, aqueles que ouviam com fé nunca mais eram os mesmos; quando Ele tocava as pessoas com graça, elas eram transformadas; e, quando elas o seguiam, suas vidas eram eternamente reordenadas.

As epístolas neotestamentárias nos contam a experiência apostólica dessa transformação. O texto de Efésios 5 descreve os ladroes que deixaram de roubar, os mentirosos

que começaram a falar a verdade, as palavras que começaram a edificar em vez de destruir, os casamentos que foram consertados e as famílias fundamentadas na fé. Descreve as comunidades evangélicas nas quais aconteceu a cura das feridas causadas pelo ódio, preconceito, abuso, dando lugar a outras coisas. cremos que o Evangelho realmente é o poder de Deus. Ele é poderoso para derrubar principados e potestades, transformar vidas e curar mentes, almas e corpos. O Evangelho cria congregações que têm a eternidade em suas mãos. Ali, na comunidade evangélica, o poder da eternidade encarna de maneira transformadora.

Jamais esquecerei o momento em que percebi esta verdade pela primeira vez. Aconteceu durante o culto no seminário, quando Clark Pinnock apresentava alguns aspectos teológicos da oração. Sua ênfase era que a oração é o lado experimental da realidade ontológica de Deus. Brilhantemente, ele esboçou a transcendente realidade divina. Mais brilhante ainda foi a comparação dessa ontologia com a vida e a fé. Essa aplicação chamou a minha atenção. Ele disse que Deus tem uma maneira fácil de verificar em que realmente cremos. Ele ouve nossas orações. O dr. Pinnock observou que os indivíduos ou uma igreja podem declarar que crêem estar Cristo presente, quando se reúnem para adorar, mas nunca ter nada além das experiências humanas. Ele falou da ironia de um movimento que reivindica a realidade transcendente, mas experimenta pouco dele. A eternidade não atinge o tempo, pelo menos às onze horas da manhã de domingo! É possível, ele disse, ser uma igreja reconhecidamente grande, mas ser pouco mais que uma fábrica humanística. Podemos gerenciar bem as coisas sem o Deus vivo. Afinal, temos os nossos métodos.

Então o dr. Pinnock perguntou o que nós esperávamos em nossos ministérios pastorais. Esperávamos que as pessoas se convertessem? Realmente pensávamos que a Palavra de Deus curaria os enfermos e restabeleceria indivíduos e famílias derrotadas? Quando ele terminou, sentíamos que era preciso cair com o rosto em terra, para chorar e orar. Naturalmente não o fizemos - éramos evangélicos da classe média.

Eu não tinha um *slogan* para isso naquela ocasião. Agora possuo: *Igreja*, a viva realidade do Deus vivo. Eu também já contemplei isso. Certo domingo, retornei a uma igreja que pastoreei. Deus continuar a operar. Eles haviam derrubado uma parede para dar lugar às pessoas. O Senhor realizava maravilhas. Eu não conhecia metade do auditório, mas o homem que dirigia o culto era um colegial quando eu era pastor da comunidade. Deus o havia escolhido, e à jovem com quem se casara, entre as pessoas comuns e os transformara em filhos amados. Eles fizeram parte de um reavivamento entre os jovens da localidade. Agora eram líderes na igreja e um modelo de fé na comunidade.

Cantamos o hino que diz "...por essas lágrimas eu morri". O homem que cantava diante de mim era um antigo colega de ministério. Eu havia visto algumas de suas lágrimas, quando lutou contra os seus desejos homossexuais. Vi um dos primeiros homens que batizei. Seu casamento fora uma confusão total. Na verdade, nunca vi um enlace matrimonial mais confuso do que aquele. Eu me lembro de quanto me sentia desanimado ao tentar ministrar-lhes a Palavra. Mas ali estavam eles — juntos depois de todos aqueles anos.

Depois do culto, uma senhora, desenganada pelos

médicos por causa do câncer, sussurrou-me ao ouvido:

"Na vida e na morte, sou feliz com Jesus". Um senhor, presidente de minha primeira diretoria e conselheiro em muitos departamentos, agarrou-me, chorou e disse que não imaginava ver-me outra vez. Outro senhor, um homem de negócios local que tinha uma reputação tão ruim que os fofoqueiros diziam que ele era capaz de roubar a própria mãe, disse-me que eu fora a pessoa que mais influenciara a sua vida. Ele se convertera a Cristo naqueles dias. Nós estudávamos as Escrituras, e ele pedira a Deus que transformasse o seu coração perverso. O Senhor o atendeu! Vi pessoas que conduzi à fé e para as quais realizei cerimónias de casamento. Agora tinham filhos e ainda cresciam em Cristo.

Por que esta congregação havia florescido tanto? Porque Cristo estava no meio dela. Eu me lembro de cultos onde a presença do Senhor era tão poderosa que eu mal conseguia respirar. De casa em casa, nós orávamos e estudávamos. Eu até levava Cristo comigo a alguns bares e surpreendia algumas pessoas que estavam dentro do recinto e também do lado de fora. Uma garçonete creu e foi salva.

Pessoas vinham para ver o que acontecera. Entravam em meu escritório e perguntavam-me como podiam achar esse Cristo. Vinham à igreja e ficavam atónitas com a presença majestosa do Filho de Deus. A cidade levantou-se e percebeu. Tudo isto aconteceu porque algumas pessoas simplesmente creram que Jesus prometera estar com elas em poder transcendente. Elas realmente concordaram que as conversões aconteceriam, os casamentos seriam salvos, as pessoas seriam transformadas e a cidade nunca mais

seria a mesma. Cristo era igual à mensagem dele. Tudo repousa sobre nós, se cremos na palavra ou simplesmente pensamos que ela é verdadeira.

O ministério pastoral em uma igreja suficientemente ativa para o século XXI será um ministério possuído, operado e habitado pelo Cristo vivo. Será um ministério que existe no poder sobrenatural e demonstra o poder do Evangelho para transformar vidas. Será o ministério que edifica a si mesmo a partir da eternidade. Toda forma de ministério receberá essa poderosa realidade onde quer que vá. Pessoas viciadas serão alcançadas pelo Cristo vivo. Desvios sexuais retrocederão diante da Palavra de Deus. Ministérios com que ainda não sonhamos surgirão e serão utilizados para transformar vidas. Tudo isto é possível porque o Cristo vivo está em sua Igreja, pronto para dar poder ao seu povo, capacitando-o a tocar o mundo com a sua presença e seu poder.